

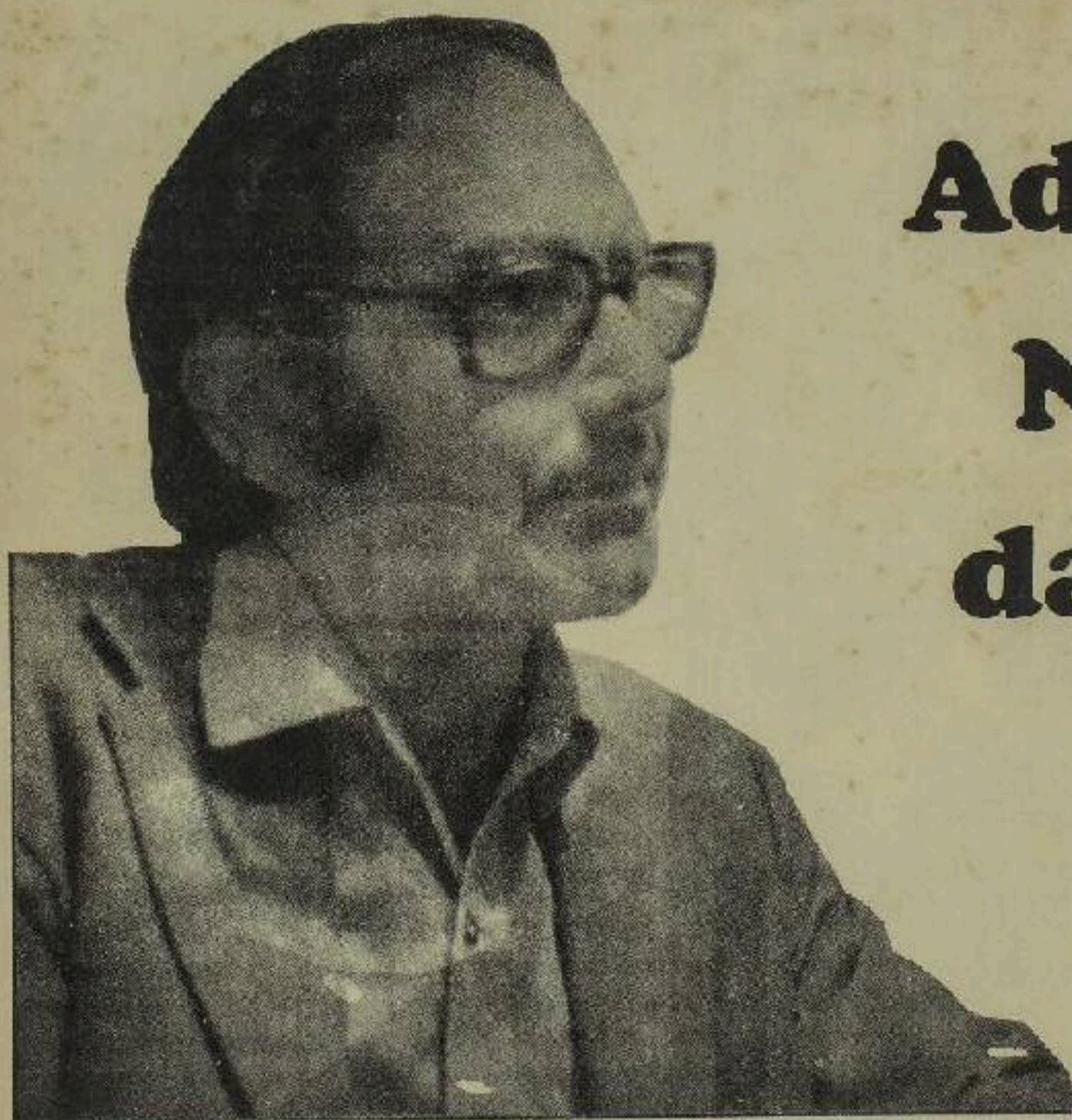
# **JUSTIÇA E**

ANO 2-Nº 11

# **NÃO-VIOLÊNCIA**

---

JANEIRO/FEVEREIRO 1981



**Adolfo,  
Nobel  
da Paz**

**e a não-violência  
no Brasil  
e na América Latina**

---





O solo rico em minerais e a criação abundante de búfalos provoca a cobiça das empresas multinacionais no Vale do Ribeira, que passam a grilar terras dos posseiros.

A não-violência ativa, presente principalmente em Miracatu, contribui para a resistência dos lavradores. Na foto, a resistência dos lavradores da Fazenda Vista Grande contra o despejo tentado pelo oficial de justiça.



# Editorial

## Não-violência ativa, força de libertação

A vinda ao Brasil de Adolfo Perz Esquivel, prêmio Nobel da Paz, novamente nos leva a chamar a atenção de todas as pessoas de boa vontade, capazes de observar os sinais do tempo, e entre estes, a "novidade" da *não-violência ativa*, como maneira original de encarar e assumir o conflito.

Poucos são os que conseguem observar no início os novos rumos da história. Cremos que a *não-violência ativa* é um desses começos, quase despercebida.

As condições do conflito mudaram muito, nesses últimos 25 anos. Se assim podemos falar, deram um salto qualitativo, e nós somos afluídos a uma nova maneira de viver o conflito social.

É questão de vida e morte, de eficácia, mudar nossos velhos métodos de luta. Podemos demonstrar isso de várias maneiras. Três abordagens são possíveis, a nosso ver, para o estudo da *não-violência ativa*.

1. *Enfoque psicológico: que tipo de terremoto psicológico geramos?*

A psicologia do conflito tem suas regras, e conhecê-las é fundamental para um treino adequado. Prepara a estratégia da vitória. Uma são as reações de um indivíduo ou de um grupo, quando armados, outras quando desarmados. A agressividade não se exprime da mesma maneira. Gostaríamos de dar um exemplo.

Na Paraíba, em Alagamar, certa vez, aconteceu que uns jagunços, armados até os dentes, tentaram desalojar uns duzentos posseiros, que estavam plantando feijão. Os posseiros estavam desarmados, mas treinados, ainda que superficialmente, para a luta não-violenta. Os jagunços chegaram com as ameaças costumeiras. Os lavradores, sem dizer uma palavra, fecharam o círculo sobre os jagunços, e foram retirar as armas de suas mãos. *Duarentos homens que se aproximam silenciosamente*

*maneira a fechar o cerco, unificando um efeito psicológico estrondoso.*

Agora, vamos imaginar um outro esquema: jagunços que se defrontam com o mesmo número de posseiros. A diferença, porém, é que alguns destes últimos estão armados. O combate muda de natureza; os mecanismos psicológicos não são mais os mesmos: já ameaçados em suas vidas, os jagunços estão de prontidão para atirar.

Outro esquema ainda: os posseiros são apenas 50, desarmados, contra 5 jagunços, armados. Também aí as condições de combate mudam: jagunços armados têm condições de derrotar 50 homens desarmados, enquanto é quase impossível eles dominarem 200 homens decididos a avançar. Não têm tempo suficiente para matar a todos.

É evidente que o motor desse combate não-violento (e isso é essencial) é a disposição interior de não matar nem humilhar o jagunço. Tratá-lo como gente, mas sem medo. O cachorro que late, morde se você tiver medo. O jagunço sente sua vida e seu "moral" ameaçados, mas ao mesmo tempo percebe claramente que a força popular que ele enfrenta é irresistível, porque é numerosa e decidida.

A *não-violência ativa* é feita da associação destes dois sentimentos: a força e a mansidão. A partir desses mecanismos psicológicos, pode-se construir toda uma maneira de combater, e daí toda uma estratégia original.

2. *Enfoque teológico: a ressurreição de Jesus.*

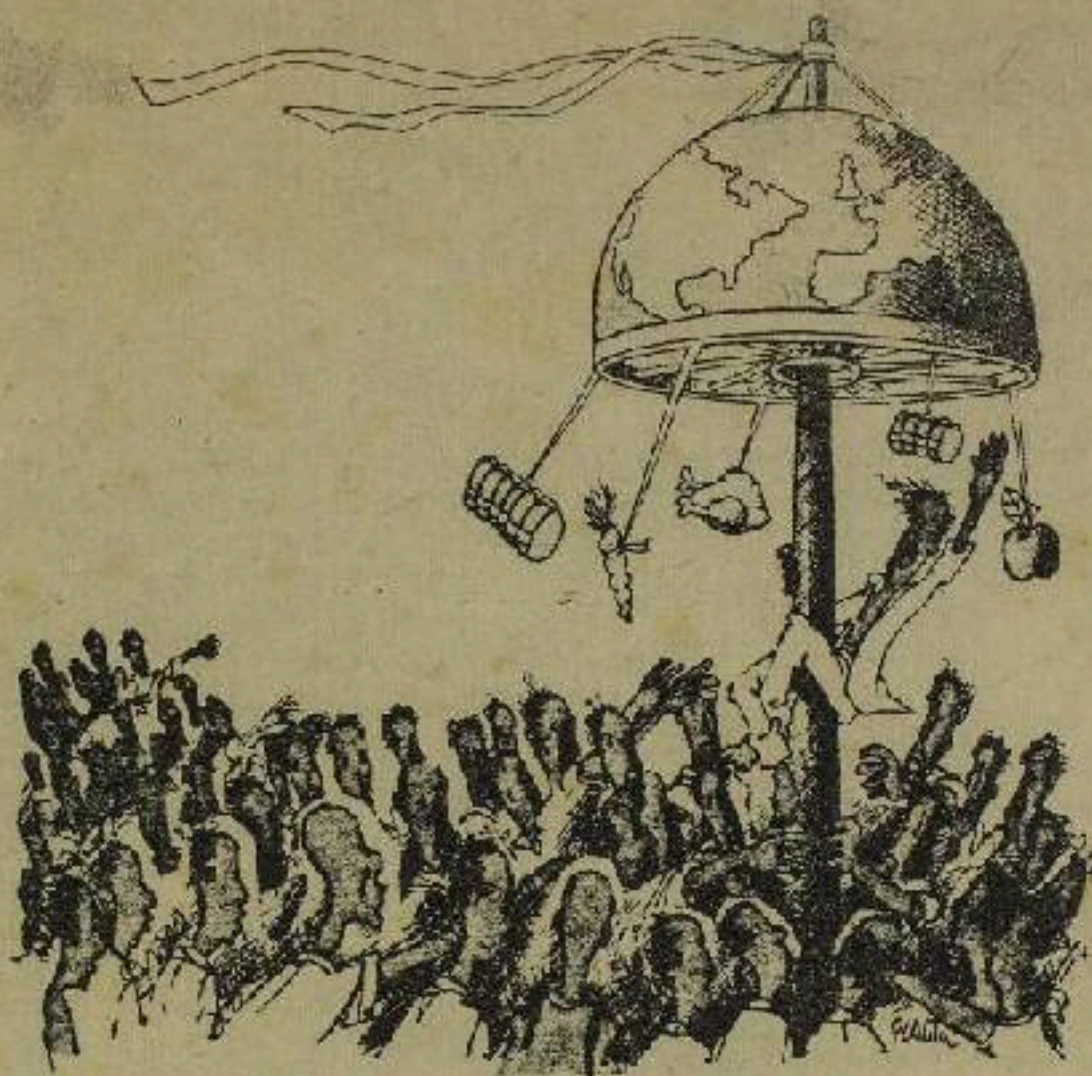
O ponto mais importante da nossa fé, a grande "novidade", é a ressurreição do Senhor. No concreto da nossa vida diária, a ressurreição significa o seguinte: que a vida é mais forte do que a morte, o bem é maior do que o mal, e a graça é maior do que a desgraça.

Toda luta que, na sua metodologia, inclui a morte inflingida a outros, como princípio de combate, afasta-se do eixo do Reino. E para que a morte passe a ser método de combate, basta que se arme sistematicamente um povo. A metodologia do Reino não é esta.

A ressurreição, como princípio norteador, pode esclarecer muitas situações. Tomemos como exemplo uma cadeia.

A cadeia é uma violência impos





ta a um elemento sem condições de convívio social. Frequentemente essa violência vai até a morte, no mínimo a morte psicológica do indivíduo encarcerado.

É verdade que sempre o crime e o castigo existirão numa sociedade onde a graça ainda não superou definitivamente a desgraça. As delegacias de polícia, as casas de detenção, não existem sem motivos, e a Igreja as tolera e tolera, portanto, uma violência.

Mas, é aí que o nosso critério pode ajudar: se a cadeia não se restringe a uma função repressiva (morte), mas, se, pelo contrário, é concebida em função de uma regeneração (ressurreição), neste caso, novamente, ela entra na dinâmica do Reino. Claro, isso não acontecerá "espontaneamente". É tão difícil entender a revolta de um trombadinha, e regenerá-lo! O problema é social, psicológico e religioso. A solução depende de uma intensa militância cristã (e não cristã) para que a cadeia não seja mais uma violência mortífera, excluída da esfera do Reino.

Da mesma forma, o combate social supõe a construção, peça por peça, de uma dinâmica do conflito, de tipo não-violento, para que a luta de classes continue a pertencer ao Reino.

Pelo menos, mesmo se não chegar a um sucesso completo, devemos concentrar nossos recursos nessa direção, "nessa

frente", se queremos continuar coerentes com o Evangelho.

3. *Enfoque político: mudanças nas condições de conflito.*

Nesta segunda metade do século, a natureza do conflito social mudou. A concentração da riqueza e dos meios de produção nas mãos da classe dominante vai junto com a concentração é tamanha que não compensa mais enfrentar o poderoso com as armas dele, isto é, com as armas convencionais, feitas para matar.

Foi o que Gandhi sentiu, intuitivamente (mais do que cientificamente), quando lutou contra a maior potência industrial de seu tempo, a Inglaterra. Ele não resolveu todos os problemas da Índia, mas foi genial no que diz respeito à sistematização de um novo método de luta, adaptado à época industrial.

Podemos estabelecer uma comparação com outro homem, Lênin. Da mesma forma que não se pode criticar Lênin por ter realizado apenas um esboço de socialização no mundo industrial, assim também não se pode exigir de Gandhi a solução de todos os problemas da Índia. Ambos apenas abriram um caminho. Muito resta a ser feito. Quanto aos problemas da sociedade industrial, Gandhi foi inovador no campo dos métodos de luta, e Lênin foi um precursor para realizar um primeiro modelo de sociedade socialista.



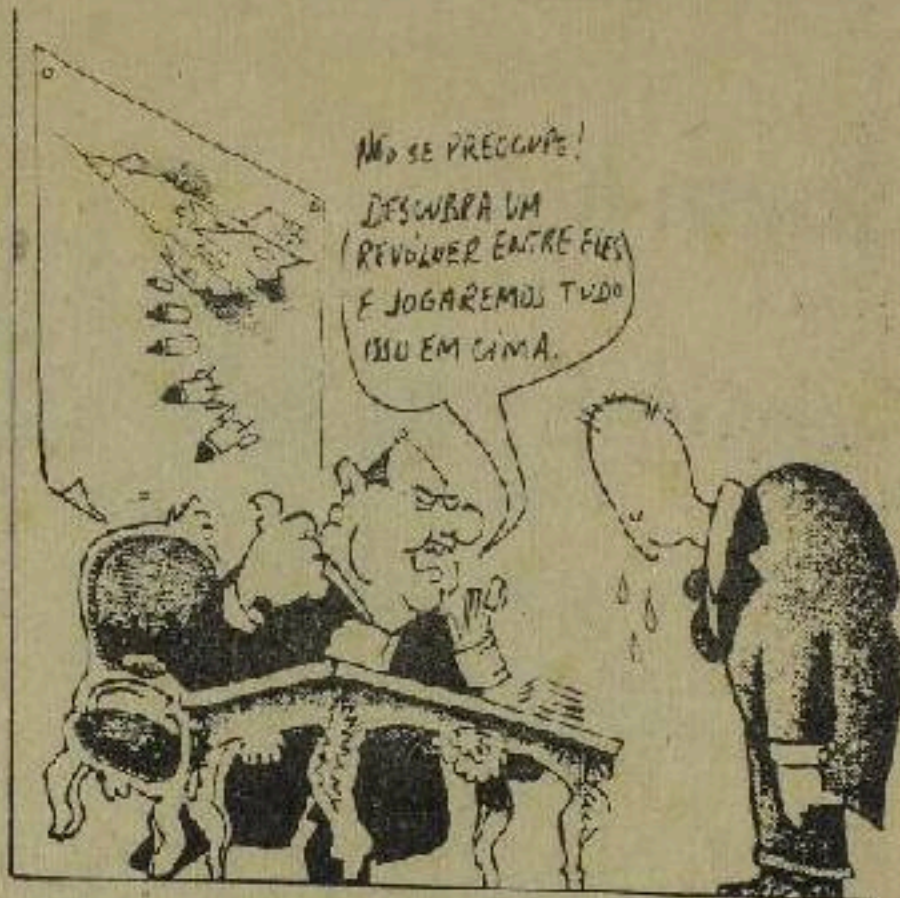
A intuição de Gandhi e de outros precisa ser sistematizada pelos cientistas políticos e sociais. Há um enorme trabalho a ser desenvolvido para que a não-violência ativa tenha viabilidade em termos globais.

Se deixarmos de lado as guerras convencionais, entre nações, podemos examinar as lutas populares de libertação. E também encontraremos o mesmo fato: é perigoso o pequeno se colocar no campo onde a classe dominante tem a superioridade, as armas sofisticadas que matam.

Enfim, a não-violência ativa tem uma mística profunda, é até mesmo um princípio moral. Mas, não para aí.

As lutas não-violentas, por esse Brasil afora, e também em toda a América Latina, cresceram muito nos últimos anos. E exigem, cada vez com mais urgência, um projeto político mais globalizante, que apresente respostas para a caminhada da libertação.

Alguns elementos existem, é claro, e foram forjados na reflexão sobre a própria luta. Agora, é preciso dar mais um passo, sistematizando um projeto que permita à não-violência ativa avançar como proposta, e que crie condições para fazer avançar a própria libertação de todo um povo.





# Biografia

## Quem é

## Adolfo Esquivel?

Adolfo Perez Esquivel, argentino, prêmio Nobel da paz de 1980.

Adolfo não gosta de falar de si. No entanto, diante de nossa insistência, resolve dizer alguma coisa.

Seu pai era espanhol, pescador e imigrante. Foi para a Argentina buscar melhores possibilidades de vida.

Sua mãe: descendente de índios. Sua avó só falava guarani. Quando garoto Adolfo também falava guarani. Hoje, recorda-se apenas dos palavrões.

Começou a trabalhar aos 12 anos. Estudava de noite.

Estudou num colégio franciscano. Como a maioria dos jovens, chegou ao processo de conflitos, crítica e contestação.

Com 17 anos, lia muito. Esíram

-lhe nas mãos alguns livros importantes: Thomas Merton, Charles de Foucault, Gandhi. Foi a primeira vez que ouviu falar de não-violência.

Gandhi tinha grande veneração pelo Evangelho. Quando lhe perguntaram por que não era cristão, respondeu que o seria, se os cristãos fossem coerentes com os ensinamentos de seu Mestre. Essa questão da coerência entre vida e Evangelho foi o alicerce sobre o qual Adolfo construiu toda a sua vida.

Adolfo formou-se em arquitetura, tomou-se escultor, foi professor durante algum tempo, até ser expulso do magistério. Trabalhou muito com os jovens. Para ele, educar não é transmitir informações. É formar consciências.

"Não sou um iluminado. Sou alguém que vai aprendendo enquanto caminha", disse, de repente.

Mais tarde, aproximou-se de Lanza del Vasto, de quem já tinha ouvido várias conferências. Participou de grupos comunitários, de 150 pessoas em média, com um compromisso de viver a não-violência ativa, e que trabalhavam em oficinas comunitárias, como marcenaria, por exemplo.

Foi quando ouviu falar de Jean Goss, e sua esposa, Hildegard, ambos cu

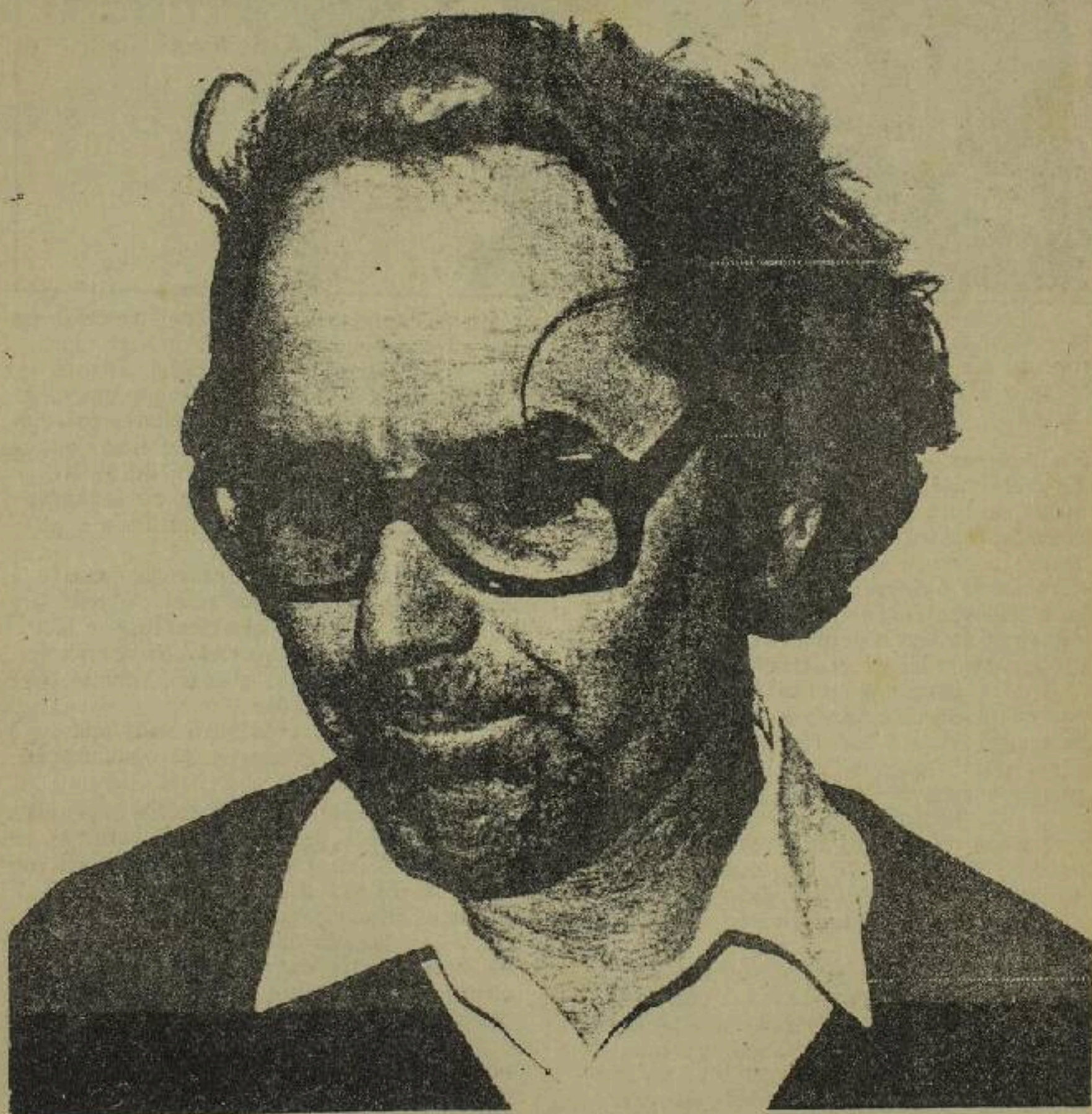
(CONTINUA NA PÁGINA 8)

Reunião com companheiros da não-violência, em São Paulo.

Adolfo fala de sua caminhada







**A América Latina  
é um continente posto de pé**



# O POVO QUER JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA



Em S. Paulo,  
Adolfo anun-  
ciou seu  
candidato a  
Nobel da  
Paz em 81:  
Lech  
Valesa.

ropeus, não-violentos, e que se prontifi-  
caram a orientar seu trabalho na América  
Latina.

Durante a greve de 1962, em Pe-  
rus, vieram ao Brasil. Reconheceram na  
luta dos "queixadas" todas as caracterís-  
ticas da luta não-violenta. Os grupos  
formados em torno de Mário Carvalho de  
Jesus, a Frente Nacional do Trabalho, e  
mais tarde o Secretariado Nacional Justi-  
ça e Não-violência, passaram a ser parti-  
cipantes ativos nos primeiros encontros,  
promovidos a nível continental.

Surgiu a necessidade de coorde-  
nar os diversos grupos comprometidos, pa-  
ra manter viva a intercomunicação entre  
eles, pois, sabia-se que, isolados, os  
grupos esgotavam-se em si mesmos.

No Equador, desenvolveram-se  
campanhas pelo direito à terra, com o a-  
poio de Monsenhor Proaño, que sofreu jun-  
to com os lavradores a repressão ordena-  
da pelo governo. Houve prisões e expul-  
são.

Foi criado o Servicio Paz y Jus-  
ticia, para a América Latina, com sede  
em Buenos Aires, encabeçado por Adolfo.

O quadro repetia-se em toda a  
parte, na Bolívia, na Argentina, no Bra-  
sil... a situação tornava-se cada vez  
mais crítica.

Coerente consigo mesmo, a con-  
duta de Adolfo necessariamente tinha que  
se chocar com as estruturas vigentes.

Foi preso em 1977 e mantido no  
cárcere durante 14 meses, e em liberdade  
vigiada por mais outro tanto. Obteve sua  
liberdade definitiva em outubro de 79.

A experiência da prisão foi  
das mais dolorosas, mas também o fez des-  
cobrir a força da oração, o que seja "es-  
cutar no silêncio de Deus os sinais dos

tempos". Aprendeu-o durante o tempo em  
que esteve encarcerado.

Nas paredes da cela, inscri-  
ções: "somos inocentes", Virgem, protege-  
-nos", etc. O que mais o comoveu foi uma  
mancha escura, de sangue. Embaixo, escri-  
to com o mesmo sangue: DEUS NÃO MATA.

"Essas inscrições contavam to-  
da a dor de um povo, mas também a espe-  
rança."

Adolfo foi torturado durante 5  
dias. Não o acusaram de nada. Usavam téc-  
nicas cujo objetivo era destruir a mente  
do homem. Acontece que Adolfo descobriu  
a força do espírito, e este, nenhum tor-  
turador pode destruir.

"Minha vida será dedicada a  
transmitir essa mensagem que amadureceu  
dentro de mim".

Agora, a sua luta na Argentina  
continua pelos desaparecidos, adultos e  
crianças. A Anistia Internacional dá uma  
cifra de 15 mil desaparecidos. Há 167  
crianças desaparecidas.

Quando esteve com João Paulo II  
em Roma, Adolfo entregou-lhe um dossiê,  
contendo as informações e as fotografias  
dessas crianças.

Para Adolfo Esquivel, a não-  
-violência ativa precisa ser mais agres-  
siva, no sentido de propor alternativas  
políticas. Isso é fundamental. Na Améri-  
ca Latina é preciso sistematizar mais as  
ações, para depois poder mostrar o cami-  
nho concreto.

Principalmente, "chega de falar  
de libertação. Precisamos é fazer a li-  
bertação. Ela não é uma meta longínqua,  
inatingível. A luta pela libertação é um  
fazer de todos os dias. É um trabalho co-  
tidiano, que acabará por derrubar as es-  
truturas injustas que existem nos países  
do nosso continente".



# Nobel

## O resgate do Prêmio da Paz

O Prêmio Nobel foi criado por Alfred Nobel, cientista sueco, inventor da dinamite. É destinado àqueles que se destacam nas ciências e na paz internacional.

O prêmio Nobel da paz é entregue por uma comissão do Parlamento norueguês. Já foram premiados Martin Luther King, Madre Teresa de Calcutá, e agora, Adolfo Perez Esquivel.

Esse Prêmio Nobel da Paz já esteve muito desgastado, principalmente no começo dos anos 70, quando Henry Kissinger e Le Duc Tho o receberam.

No entanto, em 80, completou-se um ciclo de resgate de sua importância. Quem diz isso são os próprios jornais noruegueses que cobriram intensamente a entrega do prêmio a Adolfo Esquivel.

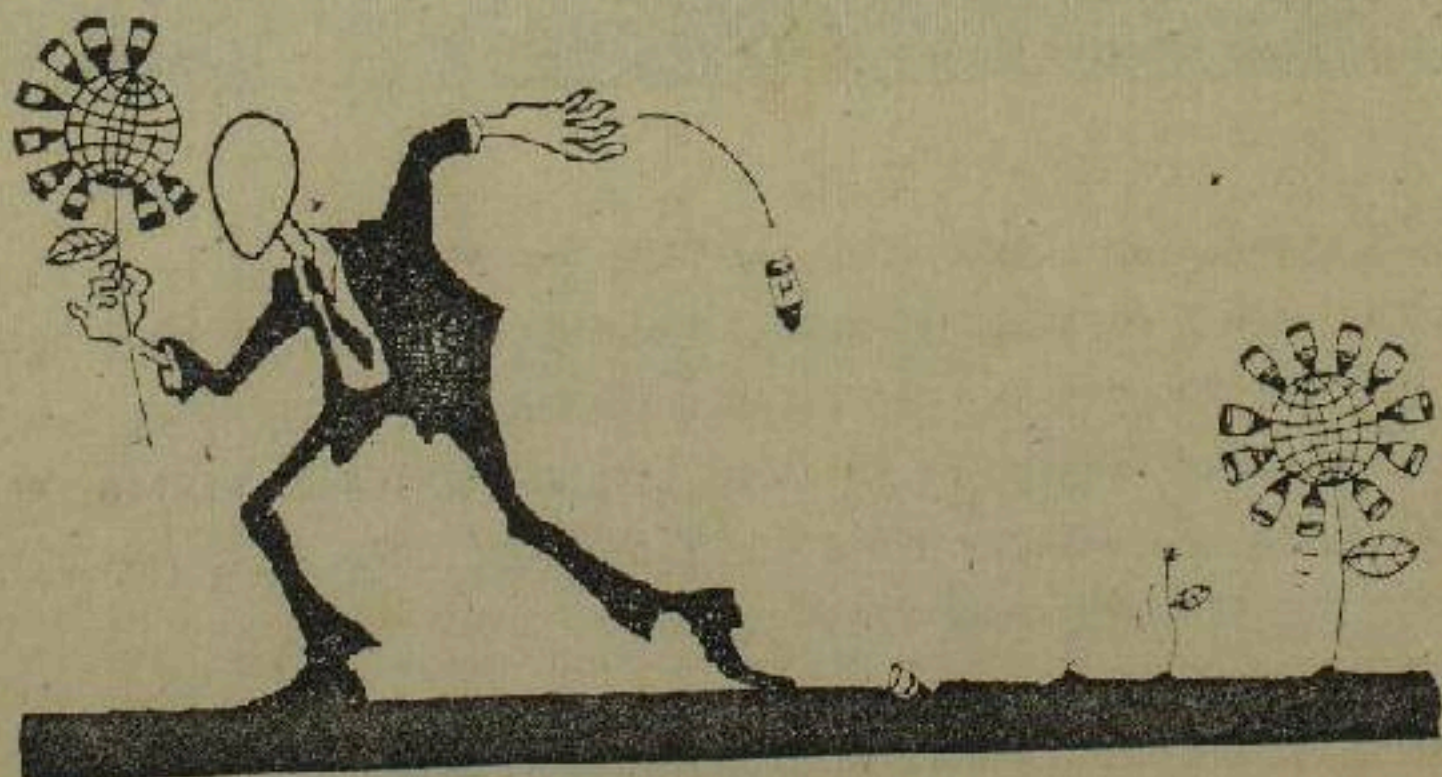
"Acendeu-se uma luz na escuridão, e o comitê norueguês deseja que essa luz continue acesa", afirmou John Saunness, o presidente do Comitê Nobel da Paz.

A solenidade de entrega do prêmio foi diferente das anteriores: o auditório estava completamente lotado, com a presença inclusive do rei Olavo, da Noruega, ao contrário de anos passados, quando o salão ficava praticamente vazio conforme noticiam os jornais noruegueses.

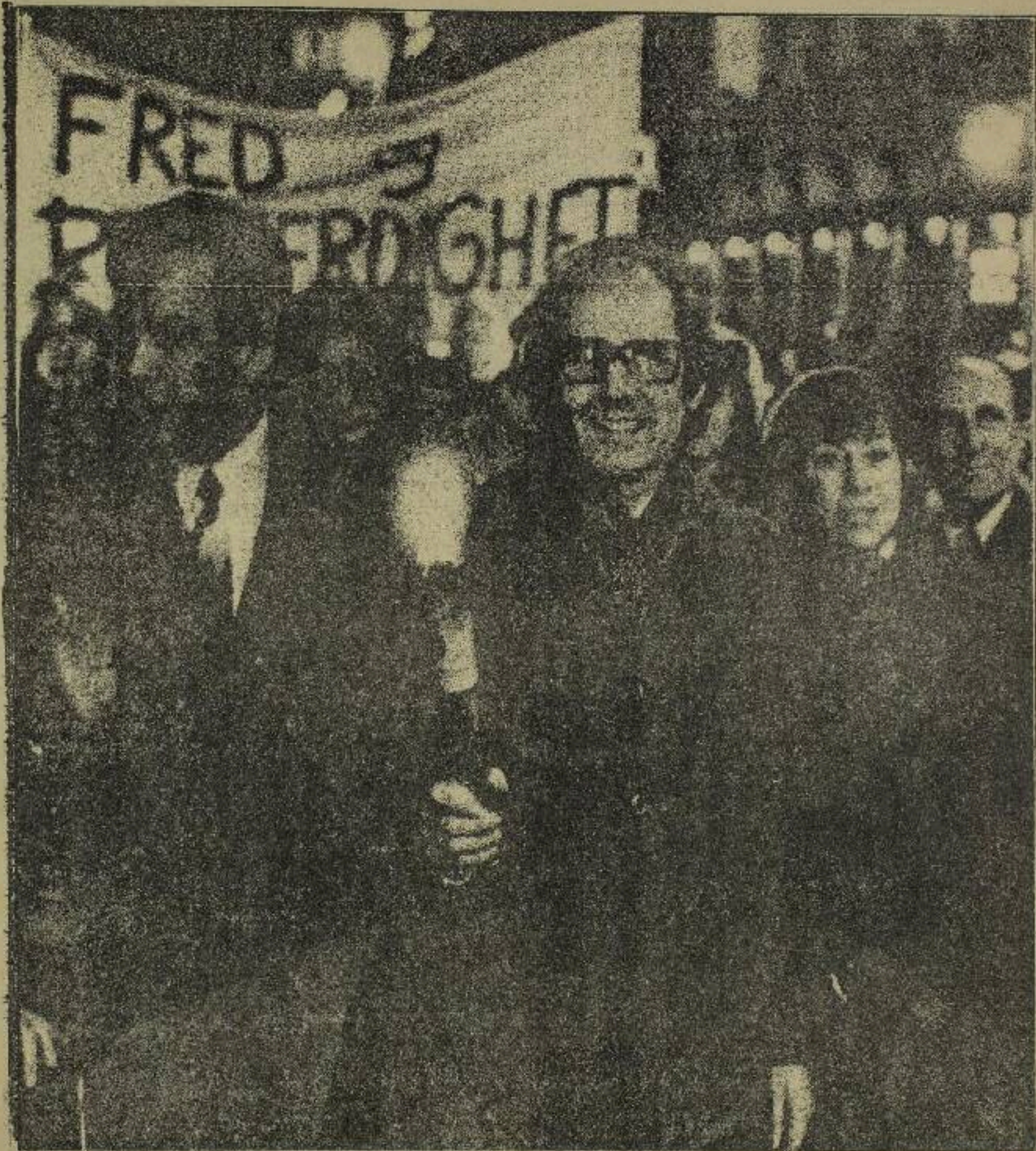
No discurso de entrega, John Saunness explicou porque o escolhido foi Adolfo Esquivel: "há um parentesco espiritual entre Madre Teresa, Nobel de 79, e Adolfo Esquivel, que escolheu uma atividade mais ampla, atendeu a uma vocação sócio-política, na defesa da dignidade da pessoa humana". Saunness fez um longo relatório das atividades de Adolfo, e concluiu: "temos a esperança de que o espírito e o trabalho de Esquivel, em breve, trará muitos frutos no seu próprio país, e que sua voz será escutada, para quebrar o ciclo do terror e contra-terror, da anarquia e reação."

Pouco antes, ao receber o prêmio, Adolfo falara: "venho como um homem comum do povo. É com grande humildade que venho, e não quero receber o prêmio apenas em meu nome pessoal, mas em nome de todo o povo da América Latina, todos aqueles que trabalham entre os pobres do meu continente. Somos pobres e oprimidos e vivemos na fé e na esperança de uma sociedade nova, baseada no respeito aos direitos humanos."

Sou uma voz fraca, falando em nome daqueles que não têm voz, e luto para que as lamentações dos povos sejam ouvidas com peso e poder de decisão". ■







APÓS A ENTREGA DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ, UMA PASSEATA DE MAIS DE MIL PESSOAS, COM A PRESENÇA DE ADOLFO ESQUIVEL, SAIU PELAS RUAS DE OSLO, CAPITAL NORUEGUESA. PROTESTANDO CONTRA A PENA DE MORTE E A TORTURA, UM GRANDE NÚMERO DE EXILADOS LATINO-AMERICANOS PARTICIPARAM DA PASSEATA, QUE MARCOU O DIA 10 DE DEZEMBRO COMO O DIA MUNDIAL DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS.



# Entrevista

## A não-violência na América Latina



Em entrevista ao jornal "Nosso País", de Oslo, Adolfo falou rapidamente da *não-violência ativa* na América Latina.

**Nosso País** — O Prêmio facilitou o seu trabalho em relação às autoridades argentinas?

**Adolfo** — Nossas relações com o governo argentino continuam tensas. Mas para o povo argentino, o prêmio teve uma grande importância, e confortou nosso trabalho em todos os sentidos.

**Nosso País** — Na Europa, você procura fazer cessar a venda de armas para a América Latina.

**Adolfo** — Nós trabalhamos com um programa de motivação para conter o comércio de armas com os países latino-americanos. Fazemos isso em colaboração com organizações irmãs do mundo inteiro. Estamos preocupados com essa questão.

Sabemos que, entre outros, a Bélgica vendeu 65 milhões de dólares em armas para o Paraguai. Conseguimos parar

uma venda de tanques da Áustria para o Chile, e a venda de armas para a nova junta militar boliviana. Mas, a venda de armas está aumentando, e nos preocupa em muito.

**Nosso País** — Como se pode criar uma posição pacífica diante dos regimes de hoje, na América Latina?

**Adolfo** — Aqui devo citar dom Hélder Câmara, bispo de Olinda e Recife, que disse: *a não-violência é a arma dos pobres*. O uso das armas militares leva a um conflito maior, e coloca os pobres em desvantagem. Por isso, não sou partidário de resolver os problemas dessa maneira. Ao contrário, devemos olhar as causas das injustiças. Quando o homem se esquece de Deus, esquece-se de si mesmo, enquanto homem. Para impedir isso precisamos praticar o Evangelho.

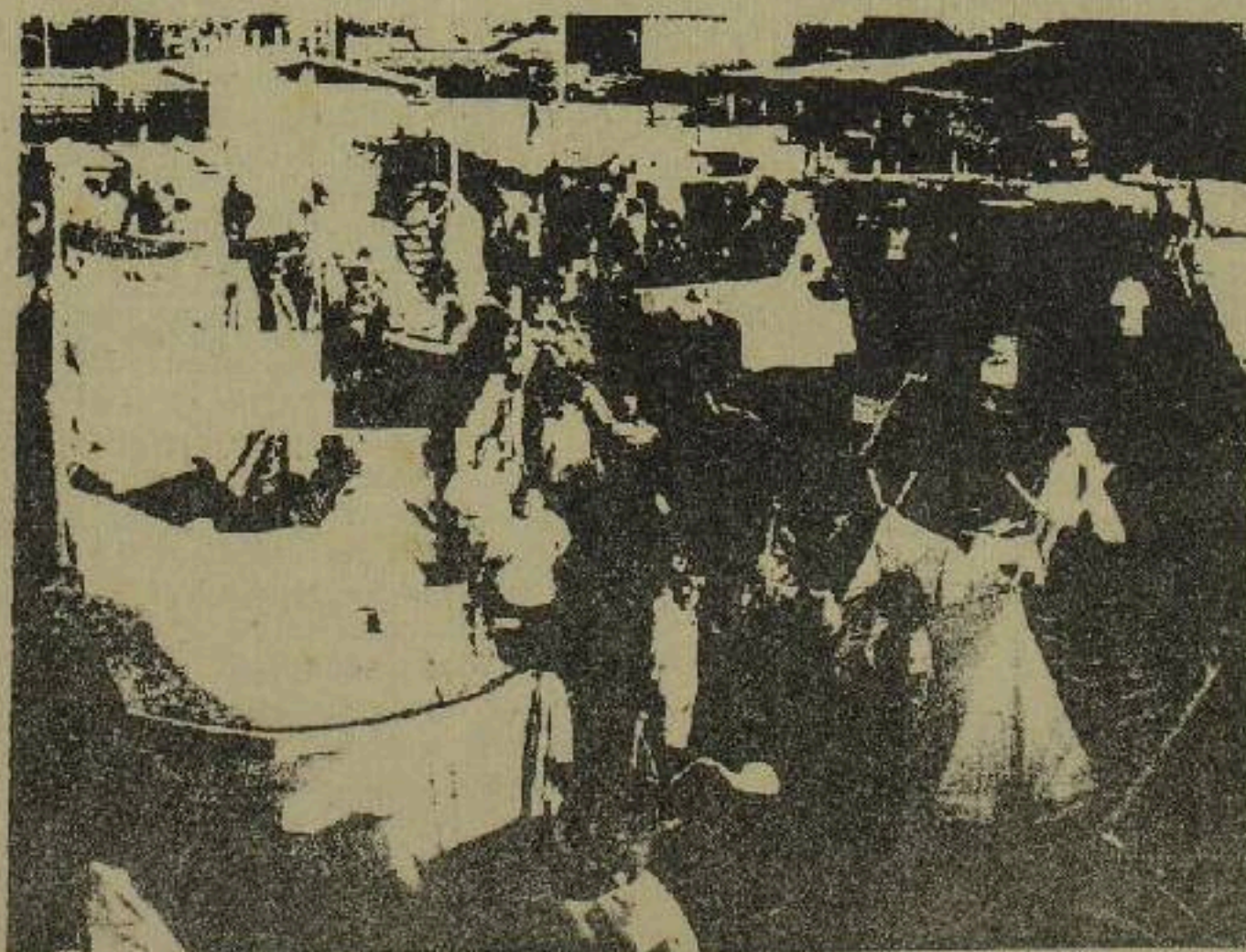
Hoje, a América Latina é um continente posto de pé, que poderão retardar, mas nunca impedir sua libertação.





ENCONTRO DO MOVIMENTO DE DEFESA DO FAVELADO  
EM SANTO ANDRÉ — SP

"La toma de la tierra". INVASÃO DE UMA GLEBA  
DA PREFEITURA, POR FAMÍLIAS SEM MORADIA, EM  
SANTIAGO DO CHILE.





## A não-violência no Brasil

Em várias regiões do Brasil, a *não-violência ativa* está presente, seja através do Secretariado Nacional Justiça e Não-violência, seja através da Frente Nacional do Trabalho.

Nas diversas lutas em que os métodos da *não-violência ativa* são aplicados e testados, vão surgindo elementos para o esboço de um projeto político, de uma nova maneira de enfrentar o conflito e contribuir para a transformação social.

Em Recife, é preciso falar do trabalho de Lourenço Rosenbaum, que há três anos está morando e vivendo com o pessoal que vive nas ruas. O lugar onde se encontra sua comunidade é o Armazem 3, mercado. É lá que os pobres catam a comida que sobra da feira e "cozinham". Lourenço dorme também na rua.

O que é duro dessa vida, além do desconforto, da chuva, da falta de alimentação sadia, são as agressões constantes que existem nesse ambiente, por parte da polícia, as estadas na cadeia, com a violência de várias naturezas, inclusive sexuais. Frente ao espetáculo da miséria do Recife e do nordeste em geral, cremos que essa seja uma atitude coerente, aquela que mais se aproxima da "lógica" evangélica.

O pessoal da OAT, Organização do Auxílio Fraternal, em São Paulo, também faz esse trabalho, de estar na rua junto com o homem que vive na rua.

Em Crateús, no sul do Ceará, tem um núcleo ainda pequeno, mas muito vigoroso, que irradia uma luz forte para todo o país.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA



Miracatu, no Vale do Ribeira

É de Crateús que partiu a campanha, simbólica e pedagógica, de boicote à Coca-cola.

Não se trata de levar a Coca-cola à falência. Somos pequenos para isso. Significa, isto sim, fazer uma campanha para que cada um adote uma atitude de vida, recusando-se a colaborar, o máximo possível, com o consumismo internacional.

Ao longo do rio São Francisco, muitas represas estão sendo construídas. Sobradinho foi a primeira. Depois veio Itaparica, Propriá, Iguaraci, etc.

O governo quer criar, na região do São Francisco, um centro produtor de legumes, verduras e frutas. Mas, não para o povo.

Para construir as represas, os posseiros são expulsos de suas terras. Na hora que as represas estiverem prontas, certamente as terras serão cultivadas pelas grandes empresas.

A luta não-violenta começou já em Sobradinho e, embora aparentemente derrotada, expandiu-se por todo o rio São Francisco. Hoje, em Petrolândia, represa de Itaparica, a resistência é firme. Também em Propriá, e também o será em Iguaraci.

Dom José Rodrigues é bispo de Juazeiro/Sobradinho, onde a luta foi "perdida". Mas, uma luta que a gente perdeu é uma luta que a gente pensa que perdeu. Em toda essa região, a contribuição da *não-violência ativa* é muito importante.





**3a. CONCENTRAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS**  
REGIÃO DA BARRAGEM DE ITAPARICA

19 de Maio de 1980

O Vale do Ribeira, em São Paulo, é muito cobijado pelas multinacionais, por causa do seu solo, rico em minerais, e por causa da criação de búfalos.

Famílias que moram no vale há mais de 20 anos, são agora ameaçadas por grileiros. Em todo o vale, acontece a resistência.

A não-violência ativa está presente principalmente na Fazenda Vista Grande, em Miracatu, onde 32 famílias resistem ao fazendeiro/grileiro Angelo Papalardo. Essas famílias são reconhecidas nas palavras dos posseiros de outras fazendas, como "a bandeira e o símbolo da resistência dos posseiros no vale do Ribeira".

No meio urbano-industrial, a não-violência ativa acontece pela ação da Frente Nacional do Trabalho, na luta pela liberdade sindical, direito de greve, garantia de emprego, etc.

Em maio de 1980, os métodos da não-violência ativa foram testados e se saíram bem, na greve dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo.

Em Pelotas, Alvorada e São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, há núcleos do movimento de não-violência, refletindo e agindo para a libertação do povo.

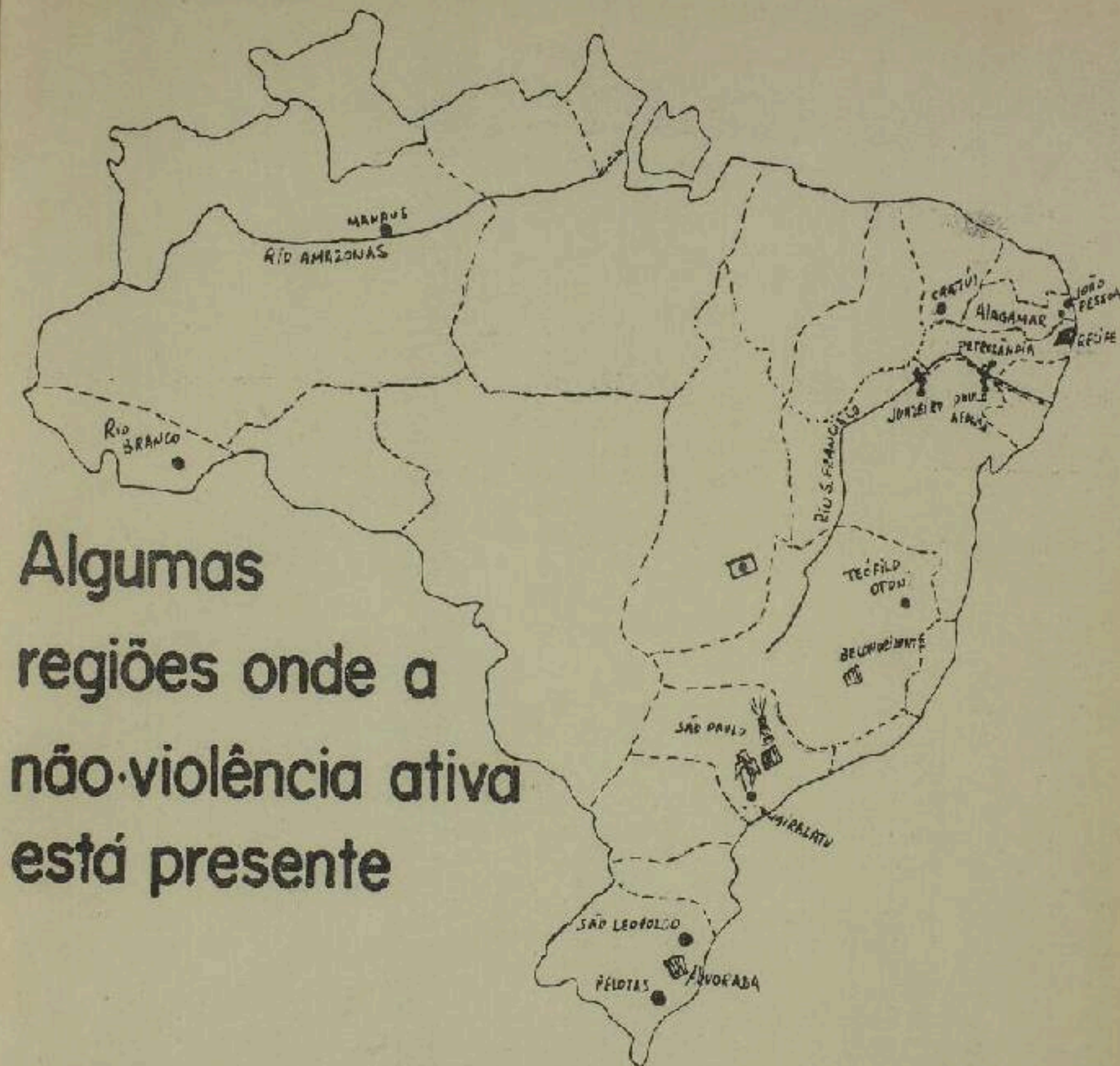
Em Manaus, Amazonas, e em Rio Branco, no Acre, diversas pessoas vão articulando um grupo não-violento.

Em Belo Horizonte e Teófilo Otoni, nas Minas Gerais, o pessoal já começou a organizar sua força não-violenta.

De Alagamar, na Paraíba, a não-violência ativa recebe uma grande contribuição. É da luta dos lavradores de Alagamar que vieram os cinco mandamentos da não-violência:

- Primeiro: nunca matar.
- Segundo: jamais ferir.
- Terceiro: estar sempre atento.
- Quarto: sempre se unir.
- Quinto: desobediência às ordens de sua exaltação, que podem nos destruir.





**Algumas  
regiões onde a  
não-violência ativa  
está presente**

## **JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA**

Órgão do SECRETARIADO NACIONAL JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

Av. Ipiranga 1267 - 9º a - Fone (011) 229-7448 - CEP 01039

### **GRUPO SUL:**

Rua Santa Clara s/nº - Fone (0536) 230112 — Pelotas/RS

Cx. Postal 14 - Facticeol - CEP 93000 — S. Leopoldo/RS

Av. Olegário José Guimarães 750 - CEP 94800 — Alvorada/RS

### **GRUPO MINAS GERAIS:**

Rua Carlitos nº 558 - apto 413 - Belo Horizonte/MG

### **GRUPO NORDESTE:**

Praça Dom Adauto s/nº - Cx. Postal 13 - CEP 58000 - João Pessoa/PB

### **GRUPO NORTE:**

Igreja S. Francisco - Bairro S. Francisco - Pça Coari s/nº - Manaus/AM



# Neste número:

---

## EDITORIAL

### *Não-violência ativa, força de libertação*

A não-violência ativa, como linha-força, como princípio moral e como mística, tem contribuído muito para o avanço da organização do povo. Mas, precisa ser sistematizada como projeto político, para ter condições de apontar, de maneira mais ampla e globalizante, um caminho concreto de libertação. No editorial, são apontados três enfoques que devem ser sistematizados pela não-violência ativa: enfoques psicológico, teológico e político.

*Página 3*

## BIOGRAFIA

### *Quem é Adolfo Esquivel*

Um grupo de militantes e simpatizantes da não-violência ativa reuniu-se, dia 23 de janeiro, com Adolfo Esquivel, em São Paulo, para conversar e trocar experiências. Nessa reunião, Adolfo falou um pouco de si mesmo, sobre sua formação na juventude, sua adesão à não-violência ativa, e como chegou a ser indicado para Prêmio Nobel da Paz de 1980.

*Página 7*

## NOBEL DA PAZ

### *A entrega do prêmio e a não-violência na América Latina*

No começo da década de 70, o Prêmio Nobel da Paz esteve muito desgastado, principalmente quando foi outorgado a Henry Kissinger e Le Duc To. Em 1980, no entanto, completou-se um processo de resgate da importância do prêmio, segundo os jornais noruegueses. Um auditório, que nos últimos anos esteve às moscas, esteve lotado no dia 10 de dezembro, quando Adolfo Esquivel foi receber o Prêmio Nobel da Paz.

*Página 10*

## PAINEL

### *A não-violência ativa no Brasil*

Um breve mapa da presença da não-violência ativa em várias regiões do Brasil, de Manaus até Pelotas.

*Página 13*